



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA**

MARIA DO SOCORRO XAVIER DE OLIVEIRA

**CAPOEIRA EDUCA SIM, DO GRANDÃO AO “PEQUENINIM”:
presença da cultura afrobrasileira na Educação Infantil.**

**JOÃO PESSOA
2017**

MARIA DO SOCORRO XAVIER DE OLIVEIRA

CAPOEIRA EDUCA SIM, DO GRANDÃO AO “PEQUENINIM”:
presença da cultura afro-brasileira na Educação Infantil.

Trabalho de Conclusão de Curso,
(TCC) em cumprimento aos requisitos
para a avaliação no componente
curricular de TCC II.
Orientador (a): Profa. Dra. Nadia Jane
de Sousa.

JOÃO PESSOA
2017

O48c Oliveira, Maria do Socorro Xavier de.

Capoeira educa sim, do grandão ao “pequenininim”: presença da cultura afro-brasileira na educação infantil / Maria do Socorro Xaviere Oliveira. – João Pessoa: UFPB, 2017.

65f. ; il.

Orientadora: Nadia Jane de Sousa
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação infantil. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Capoeira.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.2(043.2)

Dedicatória: Dedico esse trabalho aos meus filhos : Ismael Alison, Israel Thalison , Iveny Noab, meu companheiro Flavio Lima e aos meus Pais Josefa de Oliveira e Luiz Gonzaga(in memoria).

Capoeira educa sim.

(Música)

Sim, sim, sim
Capoeira educa sim.
Sim, sim, sim.
Do grandão ao “pequenim”. (refrão)

Capoeira educa sim,
Você disse que não
Está muito enganado
Ela é cultura e educação.

Nossa arte brasileira
Nasceu no meu Brasil
Da cultura do africano
A capoeira surgiu.

Jogando capoeira
Eu sou muito feliz
Lá na minha escola
Sou pequeno aprendiz

Cocorinha, au, rolê
Bananeira, macaquinho
Na roda de capoeira,
Ninguém vai ficar sozinho

Sou criança vou crescer,
Da escola vou lembrar,
Que é na roda vida
Que se aprende o be a bá.

Autora: Socorro Xavier

RESUMO

O presente trabalho trata da discussão acerca da cultura afro-brasileira na Educação Infantil através de uma experiência na sala de aula do pré-I. Objetiva utilizar a capoeira e outros elementos da cultura afrobrasileira no cotidiano de uma sala de aula de educação infantil, afim de atestar suas funcionalidades. Nesse sentido questiona-se: Como a capoeira pode se inserir na prática pedagógica da educação infantil enquanto elemento da cultura afro-brasileira? A princípio, buscamos conhecer a realidade e a disponibilidade da turma e da instituição, como também reunir os recursos adequados a proposta que contemplou na utilização de diferentes vivências como: brincadeiras, jogos, fabricação de instrumentos de sucata, introdução à capoeira, literaturas afro-brasileiras, uso de tecnologias e etc. Outrossim, nos propomos a atender aos princípios pedagógicos de uma educação inclusiva, crítico reflexiva, sustentável, e para a diversidade cultural e racial. Nesta perspectiva, procuramos nos apoiar nos documentos do Ministério da Educação: referenciais curriculares para educação infantil, para a cultura afro brasileira para educação infantil, planos nacionais , Lei de Diretrizes de Base, nos conhecimentos sobre a capoeira; na observação do comportamento das crianças, na receptividade da comunidade escolar, sobretudo nas condições de acomodação da prática da capoeira junto aos conteúdos da educação infantil. Consideramos válidas as experiências, ao constarmos que esse público em especial é carente de conteúdos voltados à temática da cultura afro brasileira. Encontramos espaço e aceitação para a prática da capoeira dentro do ambiente de sala de aula, concluimos que as abordagens temáticas carecem de investimento na formação profissional, como também na ampliação dos recursos, e que necessário intermediar ações fundamentadas em tais temáticas pensando na revitalização da História e cultura afro-brasileira, para não perdemos nossas raízes.

Palavras chave: Educação Infantil- Cultura Afro-brasileira- Capoeira.

ABSTRACT

The present work deals with the discussion about Afro-Brazilian culture in Early Childhood Education through an experience in the pre-I classroom. The objective is to use capoeira and other elements of Afro-Brazilian culture in the daily life of a child's education classroom, in order to attest its functionalities. In this sense it is questioned: How can capoeira be inserted in the pedagogical practice of children's education as an element of Afro-Brazilian culture? At first, we sought to know the reality and availability of the class and the institution, as well as to gather the appropriate resources for the proposal that contemplated the use of different experiences such as: games, scrap instrument manufacturing, capoeira introduction, Technologies, and so on. In addition, we propose to attend to the pedagogical principles of an inclusive education, critical reflexive, sustainable, and for cultural and racial diversity. In this perspective, we seek to support the documents of the Ministry of Education: curriculum references for early childhood education, for Afro-Brazilian culture for early childhood education, national plans, Basic Guidelines Law, knowledge about capoeira; In the observation of the behavior of the children, in the receptivity of the school community, especially in the conditions of accommodation of the practice of capoeira next to the contents of the infantile education. We consider the experiences valid, when we note that this particular public is lacking in content focused on the theme of Afro Brazilian culture. We found space and acceptance for the practice of capoeira within the classroom environment, we conclude that the thematic approaches need investment in professional training, as well as in the expansion of resources, and that it is necessary to intermediate actions based on such themes, thinking about the revitalization of History And Afro-Brazilian culture so that we do not lose our roots.

key words: Child education - Afro-Brazilian culture- capoeira

SUMÁRIO:

1 INTRODUÇÃO -----	8
2 A PRESENÇA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL-----	10
2.1 A infância e a criança -----	11
2.2 Cuidar e educar nas instituições que promovem a educação infantil-----	13
2.3 História e Cultura Afrobrasileira na educação infantil. -----	15
3 CAPOEIRA EM UMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA: CONTEXTO GERAL E HISTÓRICO. -----	20
3.1 A capoeira e do mundo -----	21
3.2 Capoeira é resistência -----	22
3.3 Capoeira é Angola. Não, é regional, é contemporânea. -----	27
3.4 A Capoeira é educativa. -----	30
4 CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL UMA EXPERIÊNCIA NA SALA DE AULA DO PRÉ-I. -----	32
4.1 A roda de capoeira no espaço da sala de aula: o local onde foi realizado o trabalho com as crianças. -----	33
4.1.2. A sala de aula cabe dentro da roda de capoeira: a presença da cultura afrobrasileira na Educação Infantil. -----	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS. -----	59
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. -----	61
7 ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de envolver a prática da capoeira com a prática educativa na Educação Infantil. Traz como tema CAPOEIRA EDUCA SIM, DO GRANDÃO AO “PEQUENININ”: Presença da cultura afrobrasileira na Educação Infantil. Pretendo discutir como a cultura afro-brasileira está presente, nesta etapa de ensino, como também investigar a prática da capoeira e seus fundamentos enquanto linguagem, movimento, identidade, valores e arte na Educação Infantil.

Desse modo, a partir do aprendizado sobre os eixos do currículo na Educação Infantil, surge a possibilidade da união da prática da capoeira com a pedagogia infantil. Tais fundamentos podem favorecer o desenvolvimento das crianças em sua primeira infância. Dai que meu principal questionamento para a construção desse trabalho é: Como a capoeira pode se inserir na prática pedagógica da Educação Infantil enquanto elemento da cultura afro-brasileira? De que forma ela pode contribuir para o desenvolvimento infantil?

A educação, no contexto atual, busca reunir práticas pedagógicas direcionadas ao ensino aprendizagem de modo a atender as necessidades da formação cidadã, buscando se adaptar as necessidades da sociedade em aspectos sociais, culturais econômicos. Sendo assim, analisar, as formas pedagógicas e as experiências com as mesmas, fazem parte do cotidiano do professor norteador do ensino para desenvolver seu trabalho na sala de aula.

As práticas escolares, entretanto, são carentes quando se trata de efetivar a teoria da proposta curricular ao cotidiano da sala de aula. Paulo Freire (1996, p. 47) diz que “Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção.” Além disso, cogita-se a necessidade da revitalização do ensino, no diz respeito às diferenças, a composição dos valores socioculturais do brasileiro e suas raízes, pautadas na cultura europeia.

O fazer pedagógico, a atuação eficiente do professor entre outras ações são importantes para as práticas de ensino. Diante do compromisso de fazer um trabalho dinâmico e atender as carências e precariedades do ensino, convém ousar nas estratégias de ensino. Além disso, a prática da capoeira no ambiente escolar permite acenar para o entendimento que a mesma tem o poder de educar. Neste sentido, Freire (1996), atenta-se ao “pensar certo” de maneira concreta, com a força do testemunho. Transferir o

conhecimento sem o diálogo não promove a inteligência, forma sujeitos passivos e não conscientes (ANDRADE, 2010 p.35).

Desse modo, pretende-se apresentar uma experiência com a capoeira com alunos da Educação Infantil, como também transmitir experiências pessoais vividas com o ensino e a pedagogia, já vivenciados outrora com crianças do ensino fundamental nas series iniciais; pretende-se também apresentar para as crianças a capoeira lúdica e educativa, despertando a curiosidade pela cultura afro-brasileira.

Nesse sentido, inicio discursando a respeito da Educação Infantil, a partir da infância e o contexto histórico. Como também, trago uma breve discussão dos documentos que norteiam a prática dessa etapa educacional, buscando verificar os benefícios da capoeira como prática educativa aí inserida. Em seguida proponho uma construção dos conhecimentos da capoeira considerando aspectos históricos, fatos atuais da mesma e sua relação com a educação. Por fim, trago os resultados de uma experiência com a capoeira na educação infantil, mostrando questões e descobertas com as crianças sobre a temática.

Elevar os elementos da cultura criada no Brasil com respeito às raízes do seu povo é uma realidade no processo de aprendizagem. Nesta perspectiva, a escolha da temática acrescenta relevante importância para o contexto da pedagogia critica reflexiva, analisando as praticas de ensino a partir do contexto social, econômico, cultural, para diversidade, pluralidade e autonomia . Confiante, do exercício, utilizo-me de proverbio africano que diz: “É preciso toda uma aldeia para educar uma criança”.

2- A PRESENÇA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

As temáticas, cultura africana e afro-brasileira, são abordagens pertinentes no currículo da Educação Infantil. Tais temáticas consistem na reparação da falta de reconhecimento e valor cultural para os brasileiros negados da sua própria origem em detrimento de outras, fatores esses que prejudicam diretamente nas relações de identidades de sujeitos culturais.

De forma sistemática a negação ao direito da cultura africana e afrobrasileira entre outras formas de exclusão e discriminação, constituem o pensamento das militâncias e movimentam as lutas de resistência a favor da implantação de conteúdos pedagógicos que contemplem a propagação dos elementos culturais africanos e afro-brasileiros na aprendizagem na escola. Essas lutas são para o reconhecimento de que existem os padrões pre-estabelecidos de uma cultura importada, em que a criança é influenciada pelo mercado europeu e branco, e para que prevaleçam enquanto conteúdos as raízes culturais e ancestrais a partir da formação infantil.

São esses conteúdos, parte da história e cultura dos brasileiros. Considera-se, assim, um fator indispensável, principalmente para a Educação Infantil, a implementação das temáticas “Diversidade e Pluralidade” para o enriquecimento do ambiente infantil, para que as crianças aprendam, e desenvolvam a educação social, cognitiva e afetiva, já que este é o tempo para as primeiras noções de conhecimento, as primeiras experiências.

A pluralidade cultural, isto é, a diversidade de etnias, crenças, costumes, valores etc. que caracterizam a população brasileira marca, também, as instituições de educação infantil. O trabalho com a diversidade e o convívio com a diferença possibilitam a ampliação de horizontes tanto para o professor quanto para a criança. (BRASIL, 1988, RCNEI, vol.1p.17).

2.1 A INFÂNCIA E A CRIANÇA.

Convém dar início as discussões deste capítulo a partir das disposições dos aspectos pedagógicos direcionados à Educação Infantil, suas principais características, tendências e diretrizes para execução desta etapa de ensino, sobretudo, trazer à tona a temática africana e afrobrasileira, no que diz respeito à formação interação com o ensino-aprendizagem. Antes, porém, traremos uma breve apresentação da constituição da infância ao longo do tempo. Porém não me proponho a interpretar fielmente, tal qual, a linha do tempo que formula o conceito de infância.

As crianças no século XII, eram consideradas adultas em miniatura, participava de todas as atividades dos adultos sem censura. Diante das mudanças na forma de enxergar o homem e suas relações com a natureza, a criança começa a ser reconhecida com “sentimento de criança”. Segundo Ribeiro(2012) *apud*, (Andrade, 2010,p.23).

o reconhecimento da infância enquanto etapa do desenvolvimento humano começa a se dar no século XVIII, com o advento do iluminismo e com o apogeu da sociedade industrial. Segundo o projeto iluminista, caberia à escola configurar-se como espaço para a transmissão do conhecimento científico e para a formação do cidadão. Em relação às crianças, o projeto escolar deveria prepará-las para a vida adulta e para o mundo produtivo. Ainda segundo a autora, nos séculos XIX e XX, surge a chamada infância científica, com a propagação de conhecimentos construídos por várias áreas do saber, o que determinará um conjunto de teorias e práticas a serem desenvolvidas para cuidar dessa categoria. São divulgadas normas de higiene e cuidados com as crianças, investe-se em campanhas de amamentação, criam-se instituições de atendimento, como as creches e jardins da infância.

Ainda segundo Ribeiro, (2012), existem várias concepções de criança em uma mesma sociedade, ou seja, varia de acordo com as condições étnicas, raciais e sociais, como também nas posições de gênero. A concepção de infância sobre o olhar de Philippe Aries (Sousa, 2012), considera que a criança é introduzida no mundo como um pequeno adulto, que depois é separado do mundo dos adultos através da escola.

O cristianismo influencia a separação da criança do mundo adulto a partir da ideia de inocência e moral, já que, não existia respeito, nem grande importância que assuntos fossem tratados na presença das mesmas. O sentimento de infância vai

surgindo ao poucos, associados à figura santa do Menino Jesus, como também a modernidade traz outros sentidos ligados aos problemas sociais e econômicos.

Desde os tempos dos jesuítas (período da colonização do Brasil, em que os padres jesuítas eram responsáveis pela educação) existia a preocupação no trato com as crianças e sua educação. Nesse caso vamos considerar as diferentes crianças e os diferentes destinos em relação à educação, a exemplo das crianças negras escravas, as crianças indígenas, e o trato dado aos filhos dos colonos. Portanto, somos fruto de uma colonização europeia, machista, racista e, desse modo, educados para essas culturas, as alterações na forma de educar a sociedade, e, suas diferenças, consistem em mudanças em relação a muitos equívocos nos direitos da humanidade e sua diversidade. Desse modo, a julgar as velhas e violentas práticas na educação das crianças, é preciso combater estas influências negativas na educação como um todo.

A instituição escolar é uma facilitadora na separação no mundo dos adultos, porém o sentimento de infância vem sofrer a influência da divisão do trabalho, divisão social e conseqüentemente da diferença da qualidade de ensino. A educação apresenta dois tipos de escolas uma para os ricos e outra para os pobres. Ou, simplesmente, para a criança pobre o labor, para criança rica, a educação (SOUSA, 2015). A respeito da criança, Melo (2010) aponta essa fase “como ausência da capacidade de falar, ou aquele que não fala. Para esse autor, a Infância é o período da vida que se nomina como pré, ou como lugar do não: não pode, não sabe, não é”.

O conceito de infância surge exatamente no período modernista, quando o mercado passa a reconhecer toda força humana como força de trabalho. Nesse caso mulheres e crianças fazem parte desse processo. Assim como toda a sociedade a infância fez parte do processo de comercialização, da industrialização, da produção em massa.

Andrade (2010) considera que a criança é vista diferentemente do adulto a partir do século XVIII, tendo ao longo dos séculos seguintes passado por inúmeras conquistas.

Nas duas últimas décadas do século XX foram muitas as conquistas legais no campo dos direitos da criança pequena. As políticas e programas federais destinados à criança de zero a seis anos vêm alcançando grandes avanços no âmbito jurídico-legal, a partir da Constituição de 1988 e de leis setoriais posteriores, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/ Lei

9.394/96 (LDB), a Lei Orgânica da Assistência Social/1993 (Loas) e o Estatuto da Criança e do Adolescente/1990 (ECA), dentre outras, no que tange ao direito à educação das crianças menores de sete anos em creches e pré-escolas, (BRASIL, 2010, p, 66).

É assim que o conceito de infância vai se constituindo, considerando as condições de vida proporcionadas para a mesma. É preciso, no entanto, entender o processo de desenvolvimento de acordo com faixa etária, a complexidade que envolve o aprendizado diante dos aspectos da vida contemporânea sem descartar as implicações oriundas do passado, e nos colocarmos diante da função de educador ou educadora nas instituições de ensino, considerando os desafios que poderão ocorrer, para assim então planejar as ações dentro de parâmetros e diretrizes que aproximem a criança da sua infância e infância da criança.

2.2 CUIDAR E EDUCAR NAS INSTITUIÇÕES QUE PROMOVEM A EDUCAÇÃO INFANTIL.

De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes de bases), 9.394/96, a Educação Infantil é a 1ª etapa da Educação Básica, devendo contribuir para que as crianças tenham garantido seu desenvolvimento integral, a valorização de suas identidades, a infância reconhecida.

Tendo em vista oferecer um direcionamento aos educadores da Educação Infantil, O Ministério da Educação do Brasil cria uma guia de reflexão sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que trabalham com crianças de 0 a 6 anos, que é são os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 1988). O RCNEI não se trata de um documento obrigatório, mas, é resultado de estudos realizados por pesquisadores e estudiosos que buscaram, em uma ação integrada, oferecer propostas educativas em creches e pré-escolas.

A Educação Infantil é a primeira fase da criança fora do convívio da família; é uma fase muito difícil, tanto para os pais, quanto para a criança. Muito mais complexa, ainda, para o educador e a escola (ou creche), que estará com difícil missão de promover a aceitação do novo. Sendo assim, o educar e o cuidar estão relacionados pois crianças são pequenas e muito dependente dos adultos, sendo a responsabilidade

multiplicada. A tarefa de educar requer uma sensibilidade e competência que só pode ser adquirida através de uma preparação adequada.

Entre cuidar e educar existe diferenças: alimentar e higienizar é diferente de promover ações direcionadas ao desenvolvimento motor, cognitivo, sensorial etc... Muito embora, seja necessário associar o cuidar com o educar. Tais questões, na rotina diária da criança são de fundamental importância, já que a Educação Infantil está direcionada aos primeiros contatos com o mundo exterior. Conforme explicita o referencial curricular para a Educação Infantil:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras, e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis e confiança, Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais afetivas, emocionais estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para formação de crianças felizes e saudáveis (BRASIL. RCNEI, vol. I.1988, p. 23).

Sobre o cuidar registro do RCNEI,(1988),

As atitudes e procedimentos de cuidado são influenciados por crenças e valores em torno da saúde, da educação e do desenvolvimento infantil. Embora as necessidades humanas básicas sejam comuns, como alimentar-se, proteger-se etc. as formas de identifica-las, valorizá-las e atendê-las são construídas socialmente. As necessidades básicas podem ser modificadas e acrescidas de outras de acordo com o contexto sociocultural. Pode-se dizer que além daquelas que preservam a vida orgânica, as necessidades afetivas são também base para o desenvolvimento infantil.

Se antes as crianças não eram reconhecidas como cidadãs, hoje, elas são “foco” da sociedade; zelar a criança é indispensável, o bem estar social e físico da mesma deve ser respeitado perante as leis federativas.

Um outro documento de extrema importância para a Educação Infantil são as Diretrizes Curriculares Nacionais, DNCEI, (Diretrizes Nacionais Curriculares para Educação Infantil)Este documento, de caráter obrigatório, supõe que as propostas pedagógicas devem atender aos princípios:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. (BRASIL, 2010, p. 73).

Por outro lado, as diretrizes curriculares que regem a Educação Infantil estabelecem direções para o trabalho oferecido nas pré-escolas e creches, que são obrigadas a atender o padrão de qualidade, com profissionais de níveis superiores na formação pedagógica; além disso, os espaços devem oferecer conforto e material pedagógico adequado, com a presença do lúdico, em um ambiente prazeroso para desenvolver a compreensão do mundo letrado, dos números, das linguagens oral e escrita.

Cuidar é educar, educar é cuidar. Os termos por si próprios completam-se as necessidades da criança quando se trata do seu desenvolvimento infantil, o dia a dia da criança junto ao adulto proporciona sua aprendizagem, os princípios para uma vida saudável e feliz implicam no trato das crianças durante a formação da sua personalidade. A criança precisa de pessoas e de ambientes propícios à educação, ou seja, ela aprende com que lhe oferecem no entorno social que a mesma convive.

2-3 HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL.

Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem os diferentes grupos étnicos raciais da História e da Cultura afrobrasileiras (BRASIL, 1988, p 49), RCNEI.Vol.II. A inserção de projetos voltados à revitalização da cultura afrobrasileira não só programa a valorização desta, como também é uma forma de desconstruir a imagem negativa que a civilização cultivou, atribuindo às condições

subalternas e inferiores, seres humanos de pele escura e cabelo crespo (apesar de serem irreparáveis as formas desumanas como foram tratados).

Para isso, o MEC, designa através de documentos, o comprometimento dos conteúdos, implantando e assegurando o dever e o direito do acolhimento para a Temática da educação étnico-racial nos currículos da Educação Básica. Na LDB 9394/96 , em seu Art. 26-A diz que:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da História e Cultura afrobrasileira e indígena. Incluindo em seus conteúdos aspectos da formação da população brasileira, o negro e o índio e suas contribuições sociais políticas, econômicas, pertinentes à História do Brasil. Nas áreas específicas de Artes, História e Literatura.

As DCNEI dispõem neste sentido de propostas pedagógicas baseadas na diversidade que assegurem o reconhecimento da História e Cultura afro brasileiras, o combate ao racismo e discriminação, como também trata da educação indígena respeitando suas crenças valores e memórias do seu povo.

A partir das análises dos indicadores da educação, dando conta da diferença entre brancos e negros em relação à idade-série, como também o índice de analfabetismo, verificamos que para a Educação Infantil, são encontradas no Plano Nacional de Educação de 2009 as seguintes ações:

- a) Ampliar o acesso e o atendimento seguindo critérios de qualidade em EI, possibilitando maior inclusão das crianças afrodescendentes;
- b) Assegurar formação inicial e continuada aos professores e profissionais desse nível de ensino para a incorporação dos conteúdos da cultura Afro-brasileira e indígena e o desenvolvimento de uma educação para as relações étnico-raciais.
- c) Explicitar nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil a importância da implementação de práticas que valorizem a diversidade étnica, religiosa, de gênero e de pessoas com deficiências pelas redes de ensino,
- d) Implementar nos Programas Nacionais do Livro Didático e Programa Nacional Biblioteca na Escola ações voltadas para as instituições de educação infantil, incluindo 50 livros que

possibilitem aos sistemas de ensino trabalhar com referenciais de diferentes culturas, especialmente as negra e indígena.

e) Implementar ações de pesquisa, desenvolvimento e aquisição de materiais didático pedagógicos que respeitem e promovam a diversidade, tais como: brinquedos, jogos, especialmente bonecas/os com diferentes características étnico raciais, de gênero e portadoras de deficiência.

f) Desenvolver ações articuladas junto ao INEP, IBGE e IPEA para produção de dados relacionados à situação da criança de 0 a 5 anos no que tange à diversidade e garantir o aperfeiçoamento na coleta de dados do INEP, na perspectiva de melhorar a visualização do cenário e a compreensão da situação da criança afro-descendente na educação infantil.

g) Garantir apoio técnico aos municípios para que implementem ações ou políticas de promoção da igualdade racial na educação infantil.

Neste contexto, as Histórias e Culturas Africanas e afrobrasileiras, deveriam estar presentes em nosso cotidiano social e educacional, porém, não temos os conhecimentos aproximados sobre as mesmas, já que, fomos distanciados e privados da preservação, da importância destes princípios para formação do brasileiro. Fazer uma readaptação não recupera os fatos esquecidos, porém, é dever de quem educa despertar para este fato e promover situações dentro do espaço educativo que transmitam conhecimentos sobre a cultura ancestral, que despertem a valorização destes conhecimentos como parte dos brasileiros, desde pequenos.

Destaco que a Educação Infantil não está contemplada no texto que redige a obrigatoriedade do ensino de História da Cultura africana e afrobrasileira, da lei 10.639/2003. Porém os documentos que a rege aborda a diversidade cultural, a autonomia, identidade, os direitos da criança e do adolescente.

É assim que surgem projetos que abordam essa temática na Educação Infantil, especialmente diversas experiências com a capoeira que vêm apresentando bons resultados na escola e principalmente com Educação Infantil.

Um exemplo desse trabalho diz respeito ao pedagogo e mestre de capoeira Omri Breda, do Rio de Janeiro-RN, com o projeto “Brincadeira de Angola”, oferecendo palestras, seminários, dispondo, o Mestre pedagogo, de uma vasta contribuição pedagógica através da capoeira.

A equipe Brincadeira de Angola é formada por professores especializados no ensino infantil de capoeira, com praticantes das áreas de pedagogia, medicina, fisioterapia, primeiros socorros, psicomotricidade, educação física, psicologia, música, teatro, circo e arte-educação. É neste ambiente interdisciplinar que se planejam os projetos educacionais aplicados, desde 1988, em diversas instituições escolares no Brasil e no exterior. Mestre Ferradura tem ampla experiência nessa área, tendo ministrado cursos regulares em diversos países, assim como no Brasil, em escolas particulares, comunidades populares, presídios e aplicado o projeto também com crianças autistas, com síndrome de down e paralisia cerebral. (BREDA, 2010).

Desse modo a capoeira como ferramenta educativa, atrai cada vez mais os praticantes da arte, para o universo das particularidades do desenvolvimento infantil. Nos segmentos acadêmicos, já é uma possibilidade real de trabalho, unindo a capoeira e a pedagogia.

Além da formação pedagógica os capoeiristas pedagogos fazem a diferença em sua contribuição na formação para educação étnico racial, quando divulga a cultura afro-brasileira com propriedade, eleva a auto estima dos alunos, o desenvolvimento corporal, social, e cultural. Embora não seja uma habilidade própria do capoeirista pedagogo, essa possibilidade é mais concreta para um professor que tem os conhecimentos da cultura afrobrasileira e suas origens (coisa que se aprende ao praticar a capoeira desde as primeiras aulas).

Vale destacar a importância de um material riquíssimo de informações sobre História e Cultura Africana e Afrobrasileira, na Educação Infantil, assim intitulado, disponível para professores que tenham interesse sobre a cultura africana e afro-brasileira. A publicação contém vários discursos, projetos, recursos didáticos-pedagógicos, bem interessantes para o desenvolvimento desta temática (BRASIL, 2014). Nesta perspectiva, é interessante destacar o teor deste importante acervo, que reúne obras de diferentes especialistas, que abordam experiências de dois projetos coerentes ao processo do desenvolvimento e as capacidades na Educação Infantil de características afro-descendentes: O ESPAÇO GRIÔ, e projeto capoeira. Os Griôs, contadores de história, e a capoeira, a corporeidade, musicalidade, sociabilidade e ritmo. As indicações são que estas propostas sejam realizadas de maneira flexíveis, considerando a realidade de cada escola ou comunidade, que sejam bem exploradas, e

feitas adaptações se necessário, sejam bem planejados com a equipe pedagógica (BRASIL, 2014),

O material sobre a cultura africana e afro-brasileira na Educação Infantil é esclarecedor ao ponto de apresentar a importância dos conhecimentos, pouco conhecidos por muitos professores. Sugere a oferta de capacitações e oficinas para os agentes de Educação Infantil para que sejam desenvolvidas experiências e vivências com culturas de matrizes africanas e afro-brasileiras, com projetos voltados para estas temáticas.

Sobre a capoeira e a relação com a Educação Infantil é possível advogar em causa própria. Já que pratico e dou aulas de capoeira. Neste caso, defender a capoeira como recurso pedagógico para Educação Infantil é acima de tudo ligar as capacidades, musicalidade, corporeidade, sociabilidade vistas como essenciais no desenvolvimento das crianças, aos conhecimentos adquiridos com a capoeira.

É importante que os professores da Educação Infantil se apropriem dos conhecimentos da capoeira, procurem vivenciar uma roda de capoeira, conhecer sobre origem e tudo que a envolve para promover um projeto com as crianças.

De acordo com o pedagogo e Mestre de capoeira, Ferradura (BREDA, 2010, P. 10).

Levando-se em conta que a criança apreende o mundo através da experiência concreta, a Capoeira se revela um meio privilegiado de aprendizagem corporal. Nesse caso, a capoeira é por excelência um ótimo recurso, para ser usado na formação infantil, como também, o Maracatu, o frevo, o samba de roda, o Maculelê, o coco de roda, o jongo, outras danças africanas, e seus contexto. No entanto, o diferencial dos projetos realizados pelos professores estará na objetividade dos mesmos e conseqüentemente na qualidade de educação venham agregar a educação das crianças. Ao associá-la à capoeira, os educadores não só irão às crianças que se movimentem ou imitem os comportamentos dos capoeiristas, mas também realizarão uma ação educativa e formadora (BRASIL, 2014, p. 94).

Mais adiante trago considerações importantes sobre a capoeira no seu contexto histórico e geral que dão sustentação as condições pedagógicas e aplicação da mesma ao cenário colaborativo das ações educativas da Educação Infantil, como também nas outras etapas da educação.

3. A CAPOEIRA NUMA PERSPECTIVA PEDAGÓGICA: CONTEXTO GERAL E HISTÓRICO.

Esse trabalho objetiva discutir a aprendizagem na Educação Infantil através de uma experiência de inclusão da cultura afrobrasileira, enfatizando os elementos da capoeira, a fim de conhecer a funcionalidade desses recursos no desenvolvimento infantil, como também agregar valores importantes na formação dos educandos como: respeito às diferenças e à cultura africana e afro-brasileira.

Minha relação com a capoeira começa aos 40 (quarenta), sem a intenção de parafrasear. A pedagogia e capoeira se conhecem a caminho da faculdade. Eu e meu atual companheiro nos conhecemos nas idas e vindas para faculdade no ônibus escolar com destino a Campina Grande-PB. Ele, professor de capoeirista e historiador, me passa os ensinamentos básicos da capoeira Angola. Temos como referência na capoeira o Mestre “Sabiá”, (Marcos Antônio Batista) da Associação cultural de capoeira (BADAUÊ). Hoje formamos um novo grupo (HUBUNTUS), sobre a orientação do Mestre (Joseilton Neves), que foi aluno e formado Mestre por “Sabiá”.

Assim, pretendemos mostrar um breve histórico da capoeira, baseado em pesquisas científicas de artigos, livros, trabalhos acadêmicos, etc. Neste capítulo busco, apresentar a capoeira e os aspectos influenciadores do seu surgimento até os dias de hoje, de modo em que o leitor possa conhecer os principais fundamentos que dão sustentação a essa arte ontológica. Nesta perspectiva, esta narrativa elenca discussões acerca da origem e conceitos da capoeira, construídos a partir de aspectos criados na própria evolução da arte, em uma complexa definição e incerteza da sua origem. Como destaque, apresento a constatação observada entre os capoeiristas, pela busca de capacitação pedagógica educativa, devido a inserção da capoeira no currículo escolar.

. O que falam sobre capoeira? O que é capoeira? Luta? Dança? Arte? Jogo? Cultura? Religião? Filosofia de vida? Malandragem? Educação? Resistência contra o opressor. Luta contra o preconceito, briga pela aceitação, a capoeira é um movimento. Literalmente. Muitas definições, vários contextos. Muitas Histórias. Busco respostas nas para uma contextualização apropriada.

3.1 A CAPOEIRA É DO MUNDO

O nome capoeira gera uma discussão polêmica devido o termo estar diretamente aplicado à origem do mesma. Portanto, no primeiro discurso colocamos em questão se a capoeira é brasileira ou africana. O próprio termo “capoeira” leva acreditar que seja brasileira, já que a palavra capoeira aqui no Brasil é derivada da língua tupi-guarani, que significa caá= mato puêra = que já foi (LIMA, 2012). É do dialeto caipira a palavra “capoêra” assim falada e escrita antes de sofrer a variação no dicionário

grafá-la sempre tal qual for ouvida. Por exemplo: se ouvirem pronunciar capuêra, escrever capuêra e não capoeira. Isto é essencial, e há muitíssimas coleções de vocábulos que, por não terem obedecido a este preceito, quase nenhum serviço prestam aos estudiosos, não passando, ou passando pouco de meras curiosidades; Amadeu Amaral, (1982, p.3)

Porém, outra versão nos leva a considerar ser a “capoeira” uma espécie de gaiola de carregar galinhas, já que era comum ver escravos carregar essas gaiolas para o mercado. Essa denominação é dada pelas expressões populares da época, “chegou os capoeiras, ai vem os capoeiras”. Uma denominação deve ter algo que a represente, geralmente é assim. A versão do nome Capoeira (mato ralo), no entanto, é mais contundente já que dá sentido à prática da luta dos guerreiros, pois é propícia em relação ao espaço favorável. São muitas historias, segundo Adorno, (1987 p,51) :

Mas tem muita história sobre o começo da Capoeira que ninguém sabe se é verdadeira ou não. A do jogo da zebra é uma. Diz que em Angola, há muito tempo, séculos mesmo, fazia-se uma festa todo ano em homenagem às meninas que ficavam moças. Primeiros elas eram operadas pelos sacerdotes, ficando igual, assim, com as mulheres casadas. Depois, enquanto o povo cantava, os homens lutavam do jeito que fazem as zebras, dando marradas e coices. Os vencedores tinham como prêmio escolher as moças mais bonitas (...).

Outra versão, atenta para que a capoeira tenha origem indígena, de acordo com descrição do padre Manoel Nobrega, sobre uma luta de cabeçadas, ágil e perigosa. Talvez possa está falando do Maranhã.

A descrição da Maraná pelo escritor holandês Gaspar Barleus, o qual descreve “no livro *Rerum Per Octennium in Brasilia-1647*, a luta dos índios tupis praticadas no litoral brasileiro [sic] chamado de Maraná, luta de guerra, só existem dois exemplares, um nos EUA e outro no Brasil” (*apud* Lussac, 2015, p. 11.)

Essa é versão é interessante já que combina com a versão da origem do nome “capoeira” ser também indígena. Entretanto, não se tem certeza sobre a mesma, “por toda boca”, ou seja, é um assunto complicado de se pesquisar, já que a história morreu junto com muitos índios assassinados e documentos importantes foram destruídos por Rui Barbosa, no Governo de Marechal Deodoro da Fonseca, alegando ser o tráfico de negros e a própria escravidão um episódio vergonhoso para a História do país.

Indígena, africana ou portuguesa, com certeza a capoeira é brasileira com mistura indígena e africana, assim como é o brasileiro, misturado. Portanto, a capoeira agora pertence ao mundo, Patrimônio imaterial da humanidade. Exemplo disso é que a 9ª sessão comitê intergovernamental para salva guarda aprovou, em novembro de 2014, em Paris a roda de capoeira, um dos símbolos do Brasil mais conhecidos internacionalmente, como patrimônio imaterial da humanidade. Também reconhecida pela UNESCO (organização das nações unidas, para a educação, a ciência e a cultura). Espera-se que com este título a capoeira seja mais reconhecida e possa quem sabe se estabelecer organização para que seja um dia esporte olímpico.

3.2. CAPOEIRA É RESISTÊNCIA.

A luta por liberdade perpassa os dias afins, tem que resistir sempre, na música do mestre “Barrão” que fala sobre essa resistência.

SOU GUERREIRO DO QUILOMBO, QUILOMBOLA

Coro: Lê lê lê ô

Eu sou Negro dos Bantos de Angola

Coro: Negro nagô

Fomos trazidos pro Brasil

Minha família separou

Minha mana foi vendida

Pra fazenda de um senhor

O meu pai morreu no tronco

No chicote do feitor

O meu irmão não tem a orelha

Porque o feitor arrancou
Na mente trago tristeza
E no corpo muita dor
Mas olha um dia
Pro quilombo eu fugi
Com muita luta e muita garra
Me tornei um guerreiro de Zumbi
Ao passar do tempo
Pra fazenda eu retornei
Soltei todos os escravos
E as senzalas eu queimei
A liberdade
Não tava escrita em papel
Nem foi dada por princesa
Cujo nome é Isabel
A liberdade
Foi feita com sangue e muita dor
Muitas, lutas e batalhas
Foi o que nos libertou
Autoria: Mestre Barrão.

A música na capoeira conta sobre os lamentos e sofrimentos dos valentes, sobre a lida. A história do jogo da capoeira se faz presente em todos os períodos, desde a colônia.

A terra descoberta, aos olhos dos colonizadores, seria o berço de nova cultura. O início da colonização do Brasil se deu sob o reinado de Dom João III, em 1530. Uma nova esquadra veio para Brasil sobre o comando de Martin Afonso de Sousa. Foi estabelecida a divisão do litoral brasileiro em 14 faixas lineares – (as Capitânicas Hereditárias). Divisão parecida com território de Angola, no território Africano. A presença de Portugueses na África tem vestígios desde os meados de 1430. Portugal já era um explorador da África, na captura de escravos, adquiridos para a mão de obra, como também a venda dos mesmos. Tratou-se de “circulação da mercadoria humana” bem como diz Adorno (1987, p. 18).

A escravidão no Brasil foi uma das mais severas, no entanto, a existência da mão de obra escrava não se deteve ao Brasil. No continente Africano já existiam escravos. Para Lima, (2012, p. 13) “os escravos na África eram bem tratados, incorporados à vida da tribo, tanto que, na escravidão patriarcal, o filho do escravo geralmente era livre”, ou seja, a escravidão não era hereditária”. Segundo LIMA (2012, apud, Mucellin, 2001.p.50), “na escravidão comercial, os estados que praticavam tinham enormes lucros

vendendo cativos para mercados distantes”. Já escravidão patriarcal consistia segundo esse autor naqueles escravos por meio de guerras ou por ter transgredido a lei.

Percebe-se que Adorno (1987) e Lima, (2012) constroem uma versão parecida sobre da escravidão na África. Assim, concluímos que a escravidão já era comum entre as tribos, com fins variados. Os portugueses aproveitavam disso para incentivar as desavenças entre as tribos. Segundos pesquisas de ADORNO (1987) há registro de que cerca de 70 á 75 milhões de africanos foram traficados. Os chefes das tribos eram corrompidos.

Aqui no Brasil, os escravos chegavam de navios, vinham pelo oceano, acorrentados, homens e mulheres atracados nos portos eram direcionados aos mercados para venda, para o trabalho. Após a exploração do pau-brasil, a mão de obra escrava era bem de maior lucro, trabalho gratuito para as plantações de cana-de-açúcar e para servir nas casas dos senhores. Moradia certa, as senzalas (celas), eram vigiados dia e noite para que não escapassem (ADORNO,1987).

Falamos o tempo todo de escravos, mas ainda não dissemos de seus traços que eram de pele preta, lábios grossos, narizes achatados e cabelos crespos, ou seja, bem diferente do europeu. Arrastados de sua terra, longe de suas origens, os negro da África eram trazidos para o Novo Mundo¹. Eles resistiam bravamente, sangue de guerreiros. As fugas, o disfarce, a união entre os diferentes no mesmo desfecho. Assim se organizaram as resistências.

Como símbolo de resistência, destacou-se Zumbi dos Palmares, ou Francisco, nome de batismo. O mesmo foi criado até os 15 anos, pelo o Pe. Melo. Zumbi resiste (foge) e se junta aos seus familiares de sangue, cor e dor, se tornando referência na frente de batalha, na luta contra a escravidão. A data 20 de novembro 1695 fica marcada, já que foi o dia da sua morte. Derrotado à traição, trama armada por covardia do bandeirante Domingo Jorge Velho que usa à base de tortura a confiança de Soares, amigo de combate, usado no plano de traição no ataque que ocasionou a morte de Zumbi dos Palmares .

¹ “NOVO MUNDO” A descoberta deste novo continente expandiu o horizonte geográfico dos europeus que até então consideravam a Europa, a África e a Ásia como os únicos constituintes do Mundo. Em contraste com o Novo Mundo, os continentes europeu, africano e asiático formavam o Velho Mundo

Soares foi seqüestrado e por longo tempo sofreu violentas torturas aplicadas por seus captores: queriam que revelasse onde era o esconderijo de Zumbi. Como não obtinha êxito, Furtado mudou de tática: garantia sua vida e liberdade se cooperasse. Deu certo. Soares era da confiança de Zumbi. (ADORNO, 1997,p. 28)

Sendo assim, Zumbi hoje é símbolo de resistência, se transformando em referência da luta do povo negro. É assim que a liberdade não estava escrita em papel, mas já existia nos movimentos com muito sangue e muita dor; o negro escravo resistiu. Desse modo, Ao passo que um dos seus guerreiros morria dando sua vida, se fortaleciam e aumentavam as lutas.

Entre a morte de Zumbi e assinatura da Lei da Abolição muitas conquistas foram alcançadas como a Lei do Ventre Livre, que dizia que crianças nascidas de escravos a partir 1871 eram livres; A Lei do Sexagenário, que permitia que escravos a partir dos 60 anos fossem libertos. O Brasil era o único país que ainda persistia com a escravidão; assim, no dia 13 de maio de 1888, a princesa Isabel, assinou a lei de abolição dos escravos. Atualmente, em pleno século XXI, 5017 anos de resistência no Brasil a luta ainda persiste, por respeito, igualdade, por dignidade. Neste sentido, a capoeira representa sobrevivência, luta contra o preconceito, resistência.

Com o negro liberto, a economia em caos, o escravo que tinha casa, comida e trabalho, agora está nas ruas, com fome, tempo ócio. O negro, que já era escória da sociedade, agora é bandido, marginal. Como tudo gira em torno da economia e no lucro, as intenções sempre são voltadas para tal. Acredita-se que a Abolição culminou, na perspectiva econômica. Sobre essa questão diz Adorno:

O negro tem seu papel mistificado na historia oficial. A abolição da escravatura é exemplo. Na verdade, os detentores do poder fomentaram a miséria e a fome, impedindo o acesso aos meios de produção e não propiciando condições de trabalho aos novos cidadãos. Não foram pagas indenizações pelos longos séculos de escravidão. Nada receberam os ex-escravos pelas riquezas geradas nos trabalhos forçados. E também não foram asseguradas condições adequadas para que ingressassem no mercado de trabalho livre (ADORNO,1987,p. 31).

É assim que a necessidade de sobreviver do negro faz com que façam de tudo um pouco, lavar roupas, fazer bicos em troca de comida, e roubar para matar a fome. Negro respeitado e temido só os capoeiras. De acordo com Lisboa (2014) de segurança de político, ou quando na guerra do Paraguai (1865-1870) os capoeiristas ganham respeito por ter lutado à frente do exército brasileiro e ter garantido êxito, apesar das controvérsias.

Nesta perspectiva, a prática da Capoeira foi incluída no Código Penal da República, em 1890. Em seu Capítulo XIII- “Dos Vadios e Capoeiristas”, os artigos 402 a 404 diz que,

“Art. 402- Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação de capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena- De prisão celular de dois a seis meses. A penalidade é do art. 98.

Parágrafo Único- É considerado circunstância agravante pertencer o Capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes se imporá pena em dobro

Art. 403- No caso de reincidência será aplicada ao Capoeira, no grau máximo a pena do art. 400.

Parágrafo Único- Se for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404- Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrada com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes”.

A capoeira, pois, passa a ser crime em 1890. Na República, o corpo e a agilidade da “capoeira” são usados para serviços sujos de mercenários, cometendo os mais bárbaros crimes e conseqüentemente, fugindo dos preceitos da moral cidadã e cristã.

Assim, como sempre foi o negro malandro no disfarce, o mesmo não deixava de praticar seus cultos; apenas disfarçava sua cultura através de danças, linguagem em códigos, na esperteza. Ser capoeira é muito isso dentro da roda. Um capoeirista entende o outro através de um jogo de perguntas e respostas. Jogo é de cima, jogo em baixo, jogo teatralizado, jogo de floreios, jogo de palavras, ao ritmo do “Gunga” (berimbau).

A historicidade da capoeira, portanto, é bem complexa; para entender precisa ser capoeirista e não apenas um jogador. Perceba-a na fala do Mestre de capoeira, Adelmo

pereira Lima, através de alguns trechos do seu poema., cuja linguagem circula entre capoeiristas. A seguir o poema “O capoeirista e o jogador de capoeira”:

O primeiro aprende, o segundo treina.
 Um ama, o outro gosta.
 O capoeirista tece com sua vida a consciência de “ser humano“
 e o amor pela liberdade com responsabilidade.
 O jogador de capoeira, luta, bate, apanha... Transpira.
 mas logo descansa e enfadado da lida,
 se aposenta... desiste!
 O capoeirista é eterno.
 O jogador de capoeira, fugaz.
 O capoeirista sofre com a injustiça, tem sentimento.
 O jogador de capoeira, fútil, não percebe
 que o fundamental da vida é a reciprocidade do bem.
 O capoeirista é fraco, frágil, resistente, eterno.
 O jogador de capoeira é forte, quase invencível,
 efêmero, passageiro.
 [...].
 Um dia os dois serão um só...
 E só existiram capoeiristas...
 Capoeira, um universo de inspiração.

A capoeira, portanto, reúne vários elementos que se configuram em fundamentos básicos, embora que essa simbologia na capoeira acabe criando outras referências.

3.3. CAPOEIRA É ANGOLA. NÃO, É REGIONAL. É CONTEMPORÂNEA.

Derivada dos negros escravos a mais de 400 anos, a capoeira existe. No espaço e no tempo, ontem fazendas e quilombos, hoje, nas praças, nas favelas, nos teatros, nas academias, na escola. Só a partir de governo de Vargas, a capoeira ganhou notoriedade mais precisamente no período 1934. Segundo Lima (2012, p, 18):

Getúlio Vargas, interessado no voto feminino, dos analfabetos, dos soldados e etc. Extingue o decreto-lei que proibia a capoeira e a prática de cultos afro-brasileiros. Mas, por outro lado, obriga que tanto os cultos quanto a capoeira sejam fora da rua, em recintos fechados, com um alvará de instalação.

Desde modo, a capoeira acabou sendo submetida a um processo de “esportivização”, deixando de ser prática criminosa, e passando a ser técnica, cultural,

desportiva, educacional. Para Ribeiro, antes a capoeira não tinha donos, era feita na rua, sem grupos, graduações e etc.

Mestre Bimba criou a Luta Regional Baiana, ou Capoeira Regional, tirando o seu ensino e prática das ruas e levando-os para uma academia. Ele foi primeiro Mestre a abrir uma escola (academia) de Capoeira, em 1932. Seu "Centro de Cultura Física e Capoeira Regional" foi também a primeira escola de Capoeira reconhecida oficialmente pelo governo, em 1937. Uma característica importante da Escola de Mestre Bimba, que teve fator importante para a prática e reconhecimento da Capoeira, era que a maior parte de seus frequentadores eram de classe média e alta, estudantes universitários e segundo a maioria dos autores, é graças a isso que a Capoeira começa a ganhar mais aceitação social, deixando de ser considerada como algo praticado por desqualificados marginais e passando a ser vista como uma manifestação cultural do povo baiano (RIBEIRO, 2012, p.31).

O mestre Bimba criou seus próprios toques. Outro fundamento que Bimba excluiu na sua capoeira foi à chamada de Angola, onde durante o jogo podem ocorrer às chamadas, movimentos que servem para testar o parceiro com quem está jogando. Quando se faz uma chamada o parceiro deve ter o máximo de cuidado, pois a chamada é uma armadilha onde se visa surpreender o parceiro. Os Mestres mais experientes fazem chamados como forma de distrair o companheiro e atingi-lo de surpresa. Há vários tipos de chamada: de frente, de costas, sapinho e outras. Se o parceiro não quiser responder à chamada, ele deve ir até o pé do berimbau e chamar o seu camarada para uma nova saída. Porém é uma questão de honra, para o angoleiro responder a chamada.

Na capoeira Angola, não se compra o jogo, isto é, deve-se esperar que os dois jogadores saíam da roda para que outros dois comecem um novo jogo. Porém, pode haver a compra de acordo com do Mestre que está organizando; geralmente, no São Bento grande de Angola é permitido à compra (o jogador corta com a mão separado o jogo).

Retomando aos estilos de jogos, existe ainda o jogo de Benguela; o “tico-tico”, (para alguns é tipo de jogo, para outros é só um toque de berimbau) e outros que foram sendo criados á exemplo do miudinho pelo mestre Suassuna.

Desse modo, a criação da capoeira regional a angola começa a perder espaço. Segundo Zonzom (2011), essa divisão da capoeira gera a preocupação nos praticantes da Angola em não perder espaço para a capoeira regional.

Por sua vez, a (re)criação da capoeira angola – nos anos 40 – constituiu-se em resposta e numa dinâmica de concorrência com relação ao sucesso obtido pela capoeira regional de Bimba, que vinha ganhando visibilidade e reconhecimento graças à confiança e ao apoio das classes média e alta (ABIB, 2005; REIS, 2000; ZONZOM, 2001). Tratava-se de outra estratégia no sentido de construir uma nova imagem da capoeira que pudesse ser mais bem aceita socialmente. Nessa segunda sistematização, foram destacados os elementos religiosos e lúdicos da capoeira, a temática da identidade nacional dando lugar a um resgate da herança africana. Enquanto, segundo Mestre Bimba, a capoeira tinha nascido dos negros escravos nas senzalas do Recôncavo, a capoeira angola reivindicava sua origem na mãe África, afirmando-se como *continuum* de uma tradição com forte identidade étnica (ZONZOM, 2011,pg, 133).

Antes da divisão não existia essa expressão capoeira Angola, não se sabe ao certo por que, recebe esse nome. As expressões surgem do próprio contexto histórico da capoeira, “os angolas”, “os regionais”. Tem gente que joga uma, tem gente joga as duas. Estes que jogam as duas se intitulam contemporâneos. Nos dias de hoje, existem os grupos que só jogam capoeira Angola e outros jogam regional, na sua maioria os grupos jogam as duas juntas. A diferença está nos fundamentos, nos toques dos berimbaus e na formação da bateria.

Na capoeira de Angola, a bateria é composta por 8 (oito) instrumentos, 3 (três) berimbaus (Berra boi, viola e violinha), 2(dois) pandeiros, um agogô, o reco-reco e o atabaque. Na regional Mestre Bima determinou apenas o uso de 1 berimbau e dois pandeiros.

Continuemos falando de Angola. Depois de afinados os berimbaus, é cantada a ladainha, (canto inicial que fala de algum lamento, problema social, assunto da capoeira, religião, etc.); em seguida, canta-se as louvações, iniciadas do (Iê), viva meu Deus, meu Mestre, ao que desejar louvar. A ladainha só é cantada por um Mestre, na falta desde, o contra mestre ou professor, Já que existe uma hierarquia. Além da ladainha existe também uma chula (cantiga curta, improvisada...). As palmas da Angola são duas,

mestre Bimba, colocou três. O jogo de Angola começa lento no chão, pode ser acelerado em Angola dobrada. (ritmo nem muito acelerado, nem muito lento). Depois o jogo fica em cima; aí se joga um jogo mais rápido, golpes mais rápidos, no alto. É, o São Bento Grande de Angola.

Os autores pesquisados (LIMA, 2012; RIBEIRO, 2012; ADORNO, 1987), fazem menção ao aspecto de que a capoeira ganhou representação depois que classe média começou a praticá-la. Os vadios, retratados no código penal em 1890, ganham fama e agora, em novo contexto, são chamados de “Mestres”².

3.4. A CAPOEIRA É EDUCATIVA.

Dos fundamentos da roda, a musicalidade, da dialógica, aos ensinamentos. O manejo da capoeira traz consigo elementos próprios ou adquiridos ao longo do tempo que fomentam uma pedagogia flexível, reflexiva, comunitária, inclusiva, política, diversificada, plural, cultural, autônoma... A forma de fazer capoeira agrega títulos e “status”. Propicia a formação educacional de jovens, crianças e adultos. Vários relatos de experiências com a capoeira nas escolas demonstram o valor da mesma para um currículo crítico-reflexivo, a exemplo da pedagoga e também capoeirista, Juliana Neiva Ribeiro, que no uso de suas palavras afirma que:

Um processo pedagógico que se utiliza da Capoeira tem condições de reunir elementos indispensáveis na formação de uma consciência crítica e reflexiva sobre a realidade que cerca o aluno, que por sua vez, tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito de uma práxis político-pedagógica, dentro dos princípios de uma educação libertadora (RIBEIRO, 2012, 39).

²Falando em Mestres, esse é fundamento crucial que alimenta a prática da capoeira e seus guardiões, sujeitos sem instruções acadêmicas, porém Mestres na cultura popular, que receberam títulos Honoris Causa, a exemplo dos mestres Camisa EM 201) e mestre João Pequeno EM 2003, pela Universidade Federal de Uberlândia. Como Também Mestre Bimba, depois de falecido, foi entregue À sua família pela Universidade Federal da Bahia EM 1996, e Mestre João grande de Pastinha, QUE rebeceu O TÍTULO Pela Universidade de Nova Jersey. ESSE é doutor em Letras Humanas pelo UpsalaCollege de East Orange (Nova Jersey) e foi homenageado com o prêmio NationalHeritageFellowship EM 1995, honraria de grande prestígio na América do Norte. As congratulações foram gozadas pelos discípulos do Mestre Pastinha, João Grande e João Pequeno; à ele, o Mestre, foi negada assistência, morreu cego aos 92 anos de idade, sem reconhecimento, apesar de ter sido o primeiro teórico da capoeira a lançar um livro (capoeira Angola), cujo prefácio foi escrito por Jorge Amado (ADORNO, 1987). Mesmo cego, JOÃO PEQUENO acompanhava seus discípulos, nas rodas,NAS cantigas, no Jogo.

O grau de escolaridade entre os praticantes da capoeira é um fator significativo, pois para ser mestre de capoeira não se exige escolaridade. Hoje, a capoeira tem outra denotação; ela é mostrada dentro da escola; esse fator faz com que mestres, contra/mestres, professores e instrutores, estejam buscando mais formação. Nesse caso, entendemos que a formação pedagógica da capoeira tem se fortalecido a preocupação de mais formação sobre a capoeira e todas as matrizes africanas dadas à necessidade da demanda de estudantes, de formação universitária, nos cursos de História, Educação Física, Pedagogia, como também Letras, etc.

Com propriedade da fala me coloco nestes índices como também meu companheiro e professor de capoeira formado em História e que agora recentemente ingressou no curso de pedagogia. Entre os capoeiristas percebo a preferência entre os cursos de História, Educação Física, e Pedagogia. No entanto, existem capoeiristas em todas as áreas acadêmicas.

A seguir relato a experiência que motivou a realização desse trabalho, discutindo a presença da Capoeira na Educação Infantil.

4. A CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL UMA EXPERIÊNCIA NA SALA AULA DO PRÉ- I.

Esse trabalho é de caráter investigativo, do tipo qualitativo, de aspectos experimentais, onde fomos o agente das atividades (a partir de experiências pessoais com a prática da capoeira), aplicando ações, em uma dimensão dialógica, na Educação Infantil com a presença da história e cultura afro-brasileira.

A priori, buscamos conhecer a realidade e a disponibilidade da turma e da instituição. Buscamos reunir os recursos adequados à proposta que contempla diversificar as metodologias entre brincadeiras, jogos, fabricação de instrumentos de sucata, introdução à capoeira, literaturas afrobrasileiras, uso de tecnologias e etc. Outrossim, nos propomos a atender os princípios pedagógicos diante da aprendizagem de forma inclusiva, crítico reflexiva, sustentável e para a diversidade cultural e racial. Nesta perspectiva, procuramos nos apoiar nos documentos dos MEC (PNE, RECNEI, DECNEI, LDB), Referenciais para a Cultura afro brasileira para Educação Infantil, nos conhecimentos sobre a capoeira; na observação do comportamento das crianças, na receptividade da comunidade escolar, sobretudo nas condições de acomodação da pratica da capoeira junto aos conteúdos da Educação Infantil.

Ao planejar precisamos estar cientes de nossas ações, e, para executar nossas ideias, ao buscarmos respostas para nossas inquietações, devemos nos perguntar: Como, Para quem? Onde? E, por quê? Afinal, o que estar em jogo? Adianto-me nesse momento em falar desta experiência, em dizer que já ansiava por esse momento em que dedico meus estudos à Educação Infantil e à cultura afrobrasileira, podendo juntar uma coisa à outra. Fazer o se gosta é muito mais prazeroso, fora disso, sabemos que os conhecimentos mudam à medida que se vive novas experiências, sejam positivas ou negativas.

Já é do conhecimento de todos, que a educação enfrenta problemas como: as dificuldades de recursos, materiais e humanos, formação desatualizada dos professores, falta empenho dos profissionais, salários ruins, e etc. No entanto, a superação diante destas dificuldades está na disposição de quem faz. Sendo assim, a pretensão é atuar com empenho nesta experiência, de articular os conhecimentos adquiridos na formação acadêmica, colocando em foco a metodologia de ensino, agregada aos elementos da cultura afro-brasileira (enfatizando a capoeira) na Educação Infantil. Portanto, seguirei

uma ordem na divulgação dos resultados de forma sucinta para o melhor entendimento, contemplando os fatos observados, comparando-os aos fundamentos pedagógicos da Educação Infantil e seus referenciais curriculares, experiências de outros pedagogos e capoeiristas, impondo alguns pontos de vista importantes a meu ver.

Para registro neste trabalho comungo que o tempo que passamos nos estágios é curto, mas, é interessante destacar que nossa formação é bem articulada, tem uma comunicação entre as disciplinas na grade curricular. Falo da organização das disciplinas na UAB (UFPB), uma complementa a outra, um ano praticamente passando se preparando, divido em dois períodos, para viver a intervenção na prática de sala de aula de apenas 20 horas. Primeiro o processo de vivência de observação e depois a escolha do projeto, da sala. Enfim, hora de “por a mão na massa”.

4.1.1. A RODA DE CAPOEIRA NO ESPAÇO DE UMA SALA DE AULA: O LOCAL ONDE FOI REALIZADO O TRABALHO COM AS CRIANÇAS

A roda de capoeira pode dividir espaço com a sala de aula? Certamente um professor convencional (à moda antiga), diria que não seria possível, seria um trabalho arrastar carteiras. Geralmente, as salas de aulas são lugares com carteiras enfileiradas, uma atrás da outra. As rotinas nas escolas são mesmas desde sempre. Porém, as metodologias na Educação Infantil são diferenciadas; a maioria das escolas e creches utilizam mesinhas com cadeirinhas para as crianças.

No entanto, a turma por mim observada e que vivenciou comigo a experiência, era diferenciada. Contraditório? Sim. A sala de Pré- I, tinha suas carteiras enfileiradas, uma atrás da outras.

Retomando a pergunta inicial, a roda de capoeira pode dividir espaço com a sala de aula? Sim.



Esse é dos obstáculos que devem ser considerados no momento do planejamento. Apesar das situações adversas, o diálogo com as partes deve ser mediado, neste caso a professora da sala, as crianças, os funcionários. Afinal, iremos “invadir” um espaço e rotina, dos outros. Negociar é a melhor solução.



A organização dos espaços e dos materiais se constituem em instrumentos fundamentais para a prática educativa com crianças pequenas. Isso implica que, de acordo com RCNEI,

para cada trabalho realizado com as crianças, deve-se planejar a forma mais adequada de organizar o mobiliário dentro da sala, assim como introduzir materiais específicos para a montagem de ambientes novos, ligados aos projetos em curso. Além disso, a aprendizagem transcende o espaço da sala, toma conta da área externa e de outros espaços da instituição e fora dela. A pracinha, o supermercado, a feira, o circo, o zoológico, a biblioteca, a padaria etc. são mais do que locais para simples passeio, podendo enriquecer e potencializar as aprendizagens. (BRASIL, 1998,p,58).

Vamos então nos situar no tempo e no espaço tratado nesta experiência. A mesma foi realizada na “Escolinha³” de Educação Infantil do Município de Taperoá/PB,

³ É assim que nos referiremos à Instituição de Educação Infantil, onde foi desenvolvido esse trabalho.

e sobre a turma escolhida: Educação Infantil I, faixa etária, 04 a 05 anos, com 18 alunos participando da experiência.

.Sobre as dependências físicas, a escola conta com uma estrutura razoável aos padrões de uma cidade de pequeno porte, porém os espaços não atendem as necessidades da demanda. A arquitetura da escola está assim definida:

- 1 (uma) Diretoria;
- 1(uma) sala dos professores, (Com banheiro);
- 1(uma) cozinha;
- 6 (seis)banheiros;
- 6 (seis)salas de aulas e mais 1 sala multifuncional;
- 2 Dois pátios. (Espaço para recreio).

A escola não oferece espaços como quadra poliesportiva, ou pátio coberto, para as atividades recreativas. Na “Escolinha” de Educação Infantil, há hora para estudar e a hora de brincar. O recreio (como é chamado) funciona assim: as crianças fazem filas, pegam o lanche e comem na sala. Quando todo mundo termina é hora das professoras lancharem; a diretora junto à secretária toma conta das crianças por 10 minutos. A diretora liga a caixa de som com as músicas infantis da Xuxa, e disponibiliza uma caixa de brinquedos variados com carrinhos e bonecas. Nesse momento, ocorre muito barulho, com criança correndo por todos os lados. Quando desliga o som, acaba recreio, as crianças voltam para sala.

A escola é bem assistida de material para o funcionamento seja pedagógico, seja organizacional. Os recursos constam os seguintes materiais disponíveis:

- Caixa amplificadora;
- 2-DVD's;
- 2' computadores modernos;
- 1 impressora, tônica (capacidade 1000 copias);
- 2 TVS;
- 1 Retroprojeter;
- Brinquedos variados e multifuncionais;
- Carteira nova em todas as salas. Etc.

Uma observação que compromete muito para uma leitura digital⁴ é que a escola tem os recursos, mas não estão disponíveis para o uso nas salas de aulas, apenas para momentos específicos na escola como: palestras com os pais, formação dos professores, etc.

Sobre o corpo de funcionários, o mesmo é formado por uma equipe de profissionais especializados (nem todos são efetivos, alguns prestam serviços). A instituição atende crianças de 4 a 6 anos, com salas de 1º ano do fundamental, PRÉ-I, PRÉ II, somando um total de aproximadamente 212 crianças, entre os períodos manhã e tarde. A Escolinha também dispõe de psicólogo, assistente social, orientador educacional, além do corpo docente e da equipe administrativa.

Outro fato que deixa a desejar nesta escola é que a sala multifuncional possui muitos materiais, brinquedos, mas os mesmos não podem ser aproveitados pelas crianças em geral, apenas as crianças especiais. Como proporcionar inclusão neste caso? Questiono-me, que há muito tempo reclama-se da falta de qualidade na educação. Seria falta de recursos? Esse não é caso dessa instituição. Seria a falta de material humano com capacidades para explorar esses materiais? Não se sabe ao certo, quais as restrições para o uso dos materiais. No entanto, é importante considerar que:

A Escola Inclusiva é uma tendência internacional deste final de século. É considerada Escola Inclusiva aquela que abre espaço para todas as crianças, abrangendo aquelas com necessidades especiais. O principal desafio da Escola Inclusiva é desenvolver uma pedagogia centrada na criança, capaz de educar a todas, sem discriminação, respeitando suas diferenças; uma escola que dê conta da diversidade das crianças e ofereça respostas adequadas às suas características e necessidades, solicitando apoio de instituições e especialistas quando isso se fizer necessário. É uma meta a ser perseguida por todos aqueles comprometidos com o fortalecimento de uma sociedade democrática, justa e solidária (BRASIL,1988).

⁴ Leitura feita com recursos tecnológicos ,como tv, internet, retro projetores,celulares, etc

4.1.1.2. A SALA DE AULA CABE DENTRO DA RODA DE CAPOEIRA: a presença da Cultura Africana na Educação Infantil

Anteriormente discutimos sobre a presença da cultura africana e afro-brasileira na Educação Infantil e a importância da temática para o resgate da identidade dos brasileiros. Coloco-me entre os educadores que se preocupam com a formação das novas gerações, com as possibilidades de reconhecimento da cultura mãe, com apropriação da cultura de origem do brasileiro e preservação da mesma. Ao mesmo tempo, procuram-se alternativas para fomentar a educação brasileira, para que esta fuja da discriminação social, da intolerância, e se aproxime da autonomia.

Destacamos que o tema não aparece no currículo das escolas, mesmo que hoje se registre a obrigatoriedade de acordo com lei: 10.639/2003⁵. Nesta perspectiva, considero este tema o carro chefe do propósito da experiência vivida, quando me permito afirmar que elementos da capoeira são educativos e combinam com os eixos da Educação Infantil, como a Identidade e autonomia, corpo e movimento, entre outros.

No jogo entre a prática criminalizada e a aceitação controlada, percebemos as ambiguidades que demarcam a prática da capoeira no contexto atual. Como Cultura nacional transformou-se em mercadoria de exportação para turistas; como esporte, passou a figurar como disciplina dos cursos de educação física; como tradição, começa a ser interrogada por educadores interessados em se aproximar dos princípios da capoeira como contribuição aos processos de formação das novas gerações (BRASIL, 2014, p.92).

Na roda capoeira cabe o grandão e o pequenininho, o gordo e o magro, o surdo, o cego, o deficiente físico, a professora o professor, o idoso, o branco e o negro. O grandão segura o pé antes de bater no pequenininho, o “gordo é pesado” e “magro é levinho”, o surdo escuta com batida das palmas e o ritmo dos corpos, o cego vê com axé (alegria), quem não consegue ficar em pé se arrasta pelo chão, mesmo quem não mexe

⁵ A Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

nenhum órgão do corpo, joga com o olhar, com emoção. O respeito dentro da roda acolhe a todos (BREDA, 2012).

Chama atenção, contudo, que a pedagogia brasileira ainda não se deu conta das possibilidades de aproveitamento da capoeira para o ensino pedagógico. A musicalidade, a oralidade, os movimentos, a historicidade (lendas africanas, literatura afro-brasileiras), os movimentos culturais das danças (samba de roda, coco de roda, maracatu, maculelê), o artesanato, (instrumentos, derivados do barro, cestos, tapetes, chapéus), uma infinidade de recursos somados à criatividade e conhecimentos dos professores dão receitas perfeitas para trabalho na sala de aula.

É assim que, cultivando a criatividade ao explorar a musicalidade da capoeira, vendo as possibilidades de construção dos conhecimentos necessários através de muitas experiências, que descrevo a vivência desenvolvida na sala aula da Educação Infantil, na “Escolinha”. Coincidentemente a experiência a ser desenvolvida combinou com a aproximação do dia 20 de novembro (dia da consciência negra), uma semana antes, de 09 a 13 de novembro.

Muitas músicas cantadas na roda da capoeira seja jogando ou dançando samba ,ou coco podem ser trazidas para universo da Educação Infantil ou podem ser adaptadas. Esse é o caso da música “ sai sai piranha fora da lagoa.” Podemos trocar a palavra piranha por peixinho, ou simplesmente interagir com as crianças perguntando quem mora na lagoa? (o sapo, o peixe, o pato e etc). Essa música foi trabalhada assim com as crianças: formamos duplas e trabalhamos os membros do corpo, os movimentos, a musicalidade, o conhecimento sobre o ritmo ao som do padeiro.



“Sai, sai, sai peixinho fora da lago, bote a mão na cabeça ,outra na cintura , dá um rebolado no corpo e pega na nariz do outro”. E assim íamos trocando, as duplas trocando.

Outra experiencia com ritmo e musicalidade envolve a fabricação de instrumentos com sucata. Em círculo, sentados no chão com instrumentos fabricados pelas as próprias crianças, com material de e sucata (potes de iogurte, de doce, margarina), exercitamos os ritmos 1,2,3 e 1,2,3,4 (ta,ta,ta) e (pa,pa,pa). Como também (ta,ta,ta,ta) e (pa,pa,pa,pa). Outra experiência trabalhada como aumento das dificuldades foi contar e dividir as batidas 123- 456, que repetindo vira música dentro da roda de capoeira. Então dissemos: “1,2,3-4,5,6, quero ver todo mundo jogando cada um na sua vez”.



O conjunto destas atividades, partindo desde a construção do instrumento junto com as crianças até o produto final, intencionava interagir também com a linguagem matemática através da musicalidade e do ritmo; tais atividades, se não completam um círculo de interação entre o conhecimento pedagógico e o desenvolvimento psicomotor/cognitivo, ao menos, abre caminhos nesta perspectiva.

Muitas vezes temos um planejamento nas mãos, mas surgem ideias na hora da aula que acabam enriquecendo ainda mais a experiência. Assim, na capoeira a oralidade é quem dita às regras; o professor que deseja aproveitar cada situação para extrair os conhecimentos, deve estar atento aos pequenos detalhes.

É assim que através da oralidade pode se construir os conteúdos, a primeira letra do nome, entre outras possibilidades. Cantamos com as crianças a música “Na Roda também pode se aprender o “Be a Bá”, cuja música é uma das mais cantadas nas rodas de capoeira no mundo todo, sendo ela assim:

“É um“A” é um “B”, é uma A e uma B é um C. (CORO)

É um a de AÚ(estrelinha) e um B de berimbau e um c de capoeira. É de A de André é uma B de Bruna é C de Camila...

Outra atividade realizada foi a apresentação da Estória “O Herói de Damião e a descoberta da Capoeira.

A criação de “heróis” remonta aos Estados Unidos, no período da crise econômica de 1929. Nessa época esse país,

Promoveu uma demanda pelo um herói por parte do público, já pelo lado político, tinham a necessidade de se destacar a proeminência dos norte americanos. Necessitava-se de um salvador da sociedade em crise e os EUA(Estados Unidos da América) se posicionavam como tal representantes da ordem mundial, possuindo um papel de civilizador (WESCHENFELDER, 2013, p. 72).

A seleção de heróis feita pela mídia comercial foi uma das influenciadoras para venda da imagem dos super heróis americanos. Assim, essa condição (exemplo, modelo certo) resulta em referência para o mundo, principalmente para os países colonizados por europeus. Nesta perspectiva de raciocínio constata-se que há, no Brasil, influência cultural que se espelham nos rótulos da raça “ariana”. Conseqüentemente, a imagem negativa do negro chega com estes colonizadores, “civilizadores”, e aqui se dissemina. Herdamos o ódio e a negação para com o negro.

Ainda sobre a tese do herói americano, segundo Weschenfelder (2013), as histórias em quadrinho surgiram em 1938, com a criação do “super homem”, pelos os artistas “Jerry Siegel e Joe Shuster, e lá já se registravam a presença de negros nas condição de vilões e ou ajudantes do super heróis brancos e esses eram sempre ou atrapalhados ou engraçados. O autor ainda destaca que os quadrinhos surgem das “charges” de jornais.

É por essa disseminação da desvalorização do negro, que é possível que o professor venha se deparar com situações, onde, durante as brincadeiras, as crianças negras queiram ser a princesa, ou o super herói branco, mas as outras crianças não aceitam, dizendo que ela não se parece com uma princesa, ou com super homem devido a cor da pele dela, não se parecer com esses “estereótipos”. Podemos como professores nos deparar com esses conflitos entre as crianças e temos que estar seguras/os para

conduzir algumas situações, principalmente nos jogos de papéis, recursos riquíssimos na Educação Infantil. É por isso que,

ter habilidade emocional é também conduzir o aluno à reflexão quando ele não consegue se colocar no lugar do outro para atender que essa pessoa sente e pensa. A sensibilidade integra o sentir e o pensar, não apenas os sentimentos (ANDRADE, 1997 p. 96)

Para Andrade (1997), o controle emocional deixam os professores com mais habilidades para resolver os conflitos na sala de aula. Nesse caso devemos estar cientes que trabalhar com algumas temáticas podem invadir os pensamentos e sentimentos das crianças, por isso, devemos ter sensibilidade.

A falta de representividade da imagem negra nos brinquedos, nos livros didáticos, nas revistas em quadrinhos, nos desenhos animados, na ornamentação da escola, acaba por influenciar o pensamento da criança, (independentemente de cor ou raça), levando a mesma a formatizar a imagem que é proferida no seu cotidiano, seja na escola, entre os adultos que com elas convivem, ou nos meios de comunicação ao qual tem acesso em seu processo de construção da consciência.

Um fato que aconteceu na sala de aula da “Escolinha” durante a observação do estágio nos chamou a atenção e aqui compartilho: Quando pergunto as crianças se elas gostariam de aprender a capoeira, a maioria diz em tom de gritos: “sim”, exceto uma criança que diz “Capoeira é coisa de gente feia”. Nesta hora paira um silêncio de alguns segundos, entre eu, as crianças e a professora da sala (esta foi uma das questões que me intrigou). Uma questão me inquieta. O que a criança traz na sua formação de pensamento sobre a capoeira? Quem disse para ela que a capoeira é coisa de gente feia? E Por quê? Porém, minha postura foi de aproveitar o momento para fazer uma reflexão, dirijo-me a toda turma e pergunto? Vocês me acham muito feia? (risos). Novamente os gritos dizem: “Não”, inclusive o da criança que expôs a questão. Outro silêncio de segundos é proferido. Logo me coloco dizendo que praticava capoeira e eles não me achavam feia. Então indaguei: Vocês acham que a capoeira é coisa de gente feia? “Não”. Nessa hora só ela, a menina, fica em silencio. Sua expressão é de quem está pensativa.

Fazzi (apud ARAÚJO, 2006, p. 111),

apresenta uma pesquisa norte-americana que descreve oito mecanismos de aquisição de atitudes raciais. São eles: família (por meio de conversas informais entre adultos na presença de crianças); atitudes sutis de comportamento demonstradas pelo adulto (expressão de raiva, de descontentamento, etc.); brincadeiras entre pares; reconhecimento das características físicas positiva ou negativamente atribuída a alguém ou à própria criança; associações de cores a idéias conotativas (branco para o bem e preto para o mal, por exemplo); ilustrações estereotipadas em livros; meios de comunicação de massa; observação da própria criança sobre a ocupação racial de cada pessoa na sociedade.

Concluo que ela própria, a criança, chegou a essa conclusão, pois a mesma tem essa visão demonstrada dos negros que capoeira vem de gente preta, que preto é coisa ruim e certamente há uma rejeição pela mesma.

É assim que adentra o livro “O herói de Damião”, tratando da questão, quando, através da capoeira, o personagem desperta sua curiosidade, já que não se reconhece em nenhum dos heróis que vê nos filmes e na televisão, até que encontra uma roda de capoeira, aprende golpes e descobre que na capoeira ele vira herói (LOLITO, 2008). Assim, ele se torna um bom recurso que pode ser trabalhado na sala de aula, para as descobertas das crianças.

Embora “O herói de Damião” seja uma literatura recomendada para crianças do 2º e 3º ano do fundamental, analisamos como poderíamos explorar com sucesso, na sala do Pré I já que a problemática dos heróis vem contada na mesma, quando o personagem Damião identifica que não existem heróis da sua cor. Sendo assim, que capacidades seriam exploradas nesta atividade? A principal dificuldade foi mesmo arrumar o livro. Tirei Xerox, a mesma comprometeu a exploração das imagens, já que neste caso objetivo era explorar o contexto.

Para dar início a atividade, antecipamos uma conversa sobre heróis, e apresentamos fotos de heróis como Super Homem, Mulher Maravilha, Homem de Ferro, e Lanterna Verde, como também deixamos espaço para falar dos desenhos animados que as crianças mais gostam de assistir. Realizamos também uma conversa sobre o que são super herói, e qual eles queriam ser. Considerando os conteúdos curriculares, ao possibilitar o acesso às imagens e a conversa realizada com as crianças do pré I, os objetivos eram:

1. Expressar ideias, sentimentos, desejos e necessidades, utilizando diferentes linguagens, reconhecendo sua função social e ampliando as possibilidades de representação simbólica; 2. Utilizar a linguagem corporal e gestual, adequando-as às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendida, expressando ideias, sentimentos, necessidades e desejos (BRASIL, 2010).

Para introduzir a leitura lançamos a pergunta se eles gostariam de conhecer o herói de Damião. À medida que íamos explorando o livro página a página, íamos vivenciando com a turma, circulando o livro; ao som do berimbau cantamos a ladainha descrita no livro: Iê,ê,ê,ê,ê (grito),

Vou contar uma historia
Do menino Damião.
Eta moleque danado
todo movido a paixão.
Damião tem 7 anos
E adora aprontar,
Pula, chuta, sobe desce,
Corre para lá e cá.
Um dia foi brincar de herói ,
Pôs capa cinto e chuteira,
Mas ficou contrariado,
Não gostou da brincadeira.
[...]

“Não tem herói da minha cor ?”,

Danou a esbravejar!
Porem para não ficar mal,
Preferiu ser original.
[...]
De repente...
Ton Tin tchiTintin, Ton Tin tchi
Tintin, Ton tin TinTchiTintin
[...]. (LOTITO 1997).

Combinamos explorar todo o livro e depois voltamos para a conversa; ao passo que íamos lendo o livro, fazia os movimentos da capoeira e pedia para eles repetirem, ginga, cocorinha, Aú (estrelinha), bênção, resistência, pulo, rasteira de chão. Também combinamos que ao final de nossos encontros iríamos aprender a capoeira para mostrarmos para os outros colegas da escola. Todos se envolveram.



Como combinado, voltamos a conversar sobre o livro: Quem era o herói de Damião? Ninguém conseguia falar, eles só falavam que Damião ficou feliz quando apendeu capoeira, que ele não gostava mais de brincar de ser herói, gostava de brincar de capoeira. Eu insisto em saber; eles dizem que na capoeira tinha muita gente para brincar. Encerramos aplicando uma pintura impressa de crianças jogando capoeira.

Outra atividade realizada com as crianças foi a construção de brinquedos, utilizando material de sucata, neste caso específico, idealizamos fabricar uma boneca com carretel de linha. Antecipei-me para arrumar carreteis e retalhos de tecido com costureiras, testei em casa como poderia ser feita. Provoquei as crianças utilizando a esponja de aço para fazer os cabelinhos das bonecas.

A seguir, apresentarei a sequência da atividade, que contou com ajuda da professora. Para essa aula, fizemos a experiência que todos passassem a mão nos cabelos uns dos outros e cantamos o refrão da música cabelo enrolado; em seguida, apontamos na sala quem tinha o cabelo liso e cabelo enrolado, apresentamos o livro “O Cabelo de Lelé” (dessa vez usamos o computador anexado à uma caixa de som e colocamos as crianças com as cadeiras estilo cineminha).

Optamos por trazer a literatura ao convívio da sala de aula para que as crianças pudessem se apropriar de diferentes formas de leituras, dessa vez com o uso de recurso tecnológico. Através da internet, por exemplo, fica viável conseguir as literaturas afro-brasileiras . Assim, o livro “O Cabelo de Lelê” foi apresentado através uma “leitura digital” que é feita com suportes tecnológicos, como TV, internet, Tables , celulares etc.



Conversarmos com as crianças sobre a leitura, se elas gostaram o que mais gostou e por quê. Questionamos sobre o que a personagem descobriu, se falar sobre “cabelos” é assuntos de garotas... Digo que cabelos são lindos de todas as maneiras e devemos nos sentir lindos e lindas sempre, e que devemos cuidar da higiene dos cabelos por causa dos piolhos. Mas e Lelê ? LeLê não gostava do seu cabelo porque? Uma criança assim respondeu: “Porque não pode usar solto, só molhado e com creme”.

Por que será que o cabelo dela não pode usar solto? “Por que fica parecendo uma juba de leão” Quem falou isso? “Minha mãe diz assim”. Me coloco, dizendo os cabelos são nossos e devemos usar do jeito que quiser.

E Lelé? Descobriu coisas bem interessantes que poderia fazer no seu cabelo? “Sim”. Será que ela mudou de opinião? Ela gosta do seu cabelo agora? “Sim”. Por quê?

Como vocês sabem? “por que a cara dela está feliz”, diz um garotinho. Vocês concordam com os coleguinhas? “Sim”. Vocês gostam dos seus cabelos? “Sim”.

Infelizmente essa é uma realidade! É verdade que as pessoas não aceitam, rejeitam o tipo de cabelo crespo, sente-se constrangidas a respeito dos cabelos. Alguns “apelidos” trafegam por séculos, nomes pejorativos como (cabelo de Bombril, cabelo ruim, bucha, pixaim e etc). Andrio Cândido traduz essa realidade em seu poema “Direito e a negação da imagem”, que aqui apresento apenas alguns trechos:

Por muito tempo eu não me via, só projetava uma imagem
 não sabia que existia, no espelho via miragem
 tinha que atingir um padrão, mudar pra ser aceito
 reclamava com Deus por ter nascido preto
 (...)
 Alisava o cabelo
 queria ser astro de rock
 minha auto-estima dilacerada
 podia ser tudo , menos ser negro pode
 a sociedade me dizia e eu ouvia calado
 até o dia que na escola por ser negro eu fui espancado
 (...)
 ainda vejo a maioria das negras andar de cabelo alisado
 do dread da trança do black do cabelo enrolado
 crespo pro alto com garfo espetado
 seja negrão irmão, não aceite moreno ou mulato
 (...)
 Se assumo negro!
 Se vista negro
 Pense negro
 Aja negro.
 E o mais importante de tudo...
 Se ame negro.

Na sequência, realizamos uma oficina com confecção de bonecas com sucatas e retalho de tecidos; em duplas, as crianças participaram dando ideias de como organizar os cabelos com Bombril, colando os olhinhos, as bocas, escolhendo os retalhos.



Durante as atividades não houve nenhum registro de crianças que tenham se constrangido, ou que alguém tenha chamado de cabelo ruim, ou cabelo de “Bombril”; em momento algum mencionei essa possibilidade de apelidos; foi muito bom ter feito o trabalho de auto estima na sala; eles se divertiram ao sentir a diferença dos cabelos dos colegas; sobre a leitura do livro “O Cabelo de Lelé”, diziam que não gostavam dos seus cabelos, mas passaram a gostar depois que descobriram que poderia ser bem legal os vários modos de enfeitar seus cabelos.

Dando sequência, buscamos a cada encontro fazer uma leitura diferente, com métodos diferentes de leitura. No terceiro dia com as crianças, optamos pela contação de histórias “Sou eu Maculele”⁶

Começamos a aula ao som de Berimbau (com as músicas de bom dia, e a música refrão do projeto (“sim, sim, sim, capoeira educa sim (bis). Do grandão ao pequenininho”). Formamos uma roda de conversa retomando as falas do dia anterior sobre a lenda do berimbau. A seguir foi contada a história da lenda do Maculelé .

Apresentamos a história oralmente de modo a reverter a posição do negro na mesma. Deixei que as crianças apresentassem um final para história. O que será que acontece agora? Por unanimidade todos decidiram que a tribo, ia gostar dele e ele iria voltar a morar na tribo.

A partir da lenda surgiu uma dança, onde pedaços de madeira são entrechocadas. Para as crianças não se machucarem foram utilizados canos PVC. Falando sobre formas, foi feita decoração dos canos, brincadeiras livres, formando figuras geométricas. Dançamos ao ritmo de Maculelê (Pezinho para frente pezinho para traz, entrechocando os canos; Pezinho para frente pezinho para traz, em duplas).

⁶ Uma tribo africana de negro nasceu o Maculelê. Macule era diferente. Possua manchas brancas na pele, e ninguém gostava dele na tribo. Um dia, Maculelê resolveu ir embora da tribo e morar sozinho na floresta. Na tribo de maculelê todos homens saíam para caçar enquanto as mulheres ficavam sozinhas cuidando da comida e das crianças. Certo dia, uma tribo inimiga ivandiu a tribo de Maculele enquanto os homens não estavam. Vendo que sua tribo estava em perigo maculele corre pega dois paus e luta com a tribo inimiga, e colocam todos para correr. Maculele fica muito ferido



Uma observação: (os canos não eram suficientes ,resolvemos simular que usavam)

Além do trabalho da contação de história, interagimos com material brincando com as cores e as formas, com as crianças decorando os canos com durex coloridos. Foi um desafio criar formas a partir dos canos, mas consideramos os conhecimentos prévios das crianças sobre o nome das formas, expomos material dourado de madeira e folhas para usarem como formas para desenhar, colorir e colar no mural. Montamos o mural utilizando barbantes, vivenciando experiências sobre linhas, curvas e retas. Deixamos as crianças participarem na formação das letras.

No último dia de vivências com a Cultura afro brasileira, utilizando a capoeira, como de costume nos saudamos com o bom dia ao som de berimbau, cantando a música do projeto.



Fizemos uma roda de conversa, lembrando das atividades realizadas na semana. Organizamos a sala para receber os visitantes da escola com colagem de foto de heróis no mural; Confeccionei saias de Maculelê com barbantes (com as crianças só fizemos uma por questão do administração do tempo); fizemos os últimos ensaios da danças para apresentar no pátio para todos os colega e professores.

Após o lanche, realizamos pintura dos corpos das crianças com tinta guache branca;



Fomos ao o pátio de mãos dadas juntamente com todos da escola. Lá, apresentamos a dança do Maculelê, com a musica “Sou eu Maculelê”, colocada no pendrive para ser usando na caixa de som da escola.



A escola inteira estava sentada em círculos para apresentação do PRE-I. Feito! Era roda de capoeira! Ao som do berimbau formamos a roda, cantamos a música do projeto: “é tu que muleque, é A é b ,é c e 1,2,3. 4,5,6, quero ver todo mundo jogando cada um na sua vez”.



No encerramento, todos se deram as mãos ao som da música “ A cor do Brasil” de Victor Kreutz. Nesse momento celebramos e dançamos todos de mãos dadas. Após a apresentação, convidamos todos para visitarem a sala de aula.



Das experiências vividas comungo de muitos aprendizados desde o convívio com o dia a dia das crianças, bem como a experiência e paciência da professora da sala; esta, mesmo sendo uma professora a “velha moda”, é aberta, ou seja, aceita as novidades, é feliz e passa essa felicidade para todos; vemos isso na disposição, na leveza do ambiente da sala que acompanha. Segundo essa professora, ela aprende muito, com os estagiários. Apesar de nos cinco dias de estágios ter havido uma mudança total da rotina das crianças não houve nenhuma recusa por parte dos mesmos, pelo contrário, já esperavam ansiosos eu bater na porta com berimbau na mão, já que pela distância das cidades⁷ sempre chegava de 7:30 hrs.

Dois fatos interessantes me chamaram atenção: tinha um garoto que reagia diferente, pois quando todos respondiam o refrão “moleque é tu” ele só dizia “moleque é você”. O outro fato ocorreu quando no momento em que mostrei o movimento da capoeira chamado “Benção”, algumas crianças apertam as mãos e dizem “benção”; de acordo com sua cultura, essa é uma ação que fazem com seus pais e familiares. Sendo

⁷ A atividade realizou-se na cidade de Taperoá à XXX KM da cidade de Juazeirinho, cidade onde resido.

assim, elas associaram o nome a esse conhecimento já existente em sua cultura; agora depois do projeto adicionaram a palavra benção ao golpe de capoeira e a benção que dão ao pai, a mãe ou tio.

Essa coincidência na referencialidade material e a discordância do significado da palavra, que nós descobrimos como peculiaridade fundamental do pensamento infantil por complexos, é mais uma vez não exceção mas regra na evolução da linguagem. Quando, anteriormente, resumimos o resultado principal das nossas investigações, afirmamos que a criança concebe como significado da palavra o mesmo que o concebe o adulto, ou seja, concebe aqueles referentes graças aos qual a comunicação se torna possível, mas concebe o próprio conteúdo de modo bem diferente e por intermédio de operações intelectuais bem diferentes. (Ivic. 2020, Vygotsky. 2010,p,53/54) .

A palavra benção, portanto, ganha dois sentidos: um faz parte do costume antigo de respeito aos parentes mais próximos (pai, mãe ,avós/avôs e etc.) vindos de crenças religiosas, um outro trata-se de um golpe da capoeira. É próprio da formação cultural da linguagem os sentidos. Neste sentido, a condição de interpretação opera de diferentes formas, de acordo com o contexto, entre as crianças e os adultos. Como também, ganha novos sentidos para os surdos/mudos. A forma como ela é integrada ao cotidiano passa por determinado evento.

Durante a experiência, tive orientações da supervisora, que foram de extrema valia, pois quando na apresentação da proposta, aconselhou trocar a sequência das aulas e diminuir o número de atividades; esta atitude fez com que as atividades fossem melhor exploradas e melhor vivenciadas, a exemplo da fabricação de instrumentos com sucata, onde fui instruída a trazer as sucatas de casa e não esperar que as crianças trouxessem, pois ou elas não lembrariam, ou os pais não se importariam em mandar o material, por experiências já constatadas.

Também recebi ajuda durante a fabricação das saias de Maculelê; no meu planejamento seria possível fabricar oito saias com nós de barbante, mas não foi possível; só foi feita uma para demonstração com eles.

Assim, muitas coisas só foram possíveis depois das experiências com o tempo da aula respeitando o tempo das crianças. Nas atividades de movimentos, a capoeira, a musicalidade, os contos, foram muito positivas, todos participaram sem recusas.

É de fundamental importância para o aluno/educador vivenciar a prática da sala de aula. Encarar a realidade do cotidiano das escolas públicas e encontrar as lacunas das mesmas funciona como formas de encontrar saídas e mudar a realidade da educação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Tratamos aqui da exposição de uma experiência com a Cultura africana e afro-brasileira registrando a presença da mesma na Educação Infantil. Como protagonistas tivemos crianças de uma sala de Pré-I de Uma instituição pública de Educação Infantil. O relato trouxe uma gama de fatos que fomentaram discussões em relação à adesão destas temáticas ao cotidiano da Educação Infantil, nas instituições, nos currículos, conteúdos, diretrizes curriculares, sobretudo na importância de planejar ações neste sentido.

Quanto às expectativas de experimentar a capoeira como uma prática educativa na sala de aula da Educação Infantil, classificamos como: conveniente, positiva, sólida funcional, adequada, pedagógica e inclusiva.

Diante dos questionamentos analisados, quando me pergunto se a capoeira poderia ser feita na sala de aula e se ela poderia adentrar nos conteúdos específicos da Educação Infantil, encontro respaldo nos eixos e diretrizes curriculares e na boa receptividade do público dessa etapa, além de reconhecer a grande necessidade de fortalecer a adição da temática história e cultura da África e afro-brasileira no currículo, nos conteúdos e na formação profissional e para a educação como um todo.

Desse modo, trabalhos acadêmicos focados nessa linha de pesquisa são de extrema importância para aumentar a oferta das fontes e recursos didáticos pedagógicos em prol da Educação Infantil e formação acadêmica. Sendo assim, acrescento que a mesma poderia fazer parte do cotidiano da Educação Infantil, seja na Pré-escola como também nas creches. Porém, assim como foi determinante para o bom desempenho dessa experiência, o planejamento, a coerência, o aprofundamento dos conhecimentos, a sensibilidade e flexibilidade nas abordagens contempladas nas atividades foram/são primordiais, indispensáveis para o bom êxito das atividades. O fazer pedagógico é dono de uma complexidade extremamente sensível em sua ação. Sugere-se um envolver da comunidade em geral, por uma causa maior. O educar crítico reflexivo.

Durante a culminância percebi o crescimento e alegria das crianças se apresentando para outras crianças da escola, todas com bastante entusiasmo jogando capoeira, dançando Maculelê e sambando, A equipe pedagógica da escola surpreendida como aquelas crianças em quatro dias tinham aprendido tantas coisas; o mais

interessante foi o prazer deles em mostrar a foto de Zumbi às outras crianças visitantes e que ele era o herói negro. Na despedida, uma troca de olhares de quem vai voltar àquela velha rotina, porém bem mais experientes e crescidos e aquele que irá continuar proporcionando a magia e o encanto da capoeira onde estiver.

Assim como as crianças, me sinto mais experiente e crescida, porém com mais responsabilidades e com zelo para com a educação, entendendo que as ações particulares dos educadores são de fato determinantes, mesmo que estas não sejam uma responsabilidade apenas destes, mas suas ações funcionam como estímulo para família, para a sociedade.

É pensando no melhor da educação como estrutura da sociedade comunitária com direitos e deveres iguais para todos sem distinção que nos fortalecemos para continuar educando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, Camille. **A arte da capoeira**. Ebook. Goiânia, 1987. Disponível em <http://goo.gl/L4ACDk> Acesso: jun./2017.

AMADEL, Amaral, **Dialeto Caipira**. O Dialeto Caipira - Amadeu Amaral - Obras - 4.^a edição - Editora Hucitec/INL-MEC. Brasil, 1982. Disponível em <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/AmadeuAmaral/odialetocaipracreditos.htm>. Acesso Jun. 2017.

ANDRADE, Lucinary Bernabé Pedrosa. **Tecendo os fios da Infância**. Educação Infantil. Editora Unesp, Scielo Books. São Paulo 2010.

CÂNDIDO, Andrio. **Direto e a negação da imagem**. Recanto das letras (online). Jun/2010. Disponível em : <http://www.recantodasletras.com.br/poesias/2618074>. Acesso jul.2017.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Ilustr.:ebook.Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. Disponível em : youtube.com.br. acesso junho2015.

BRASIL Ministério da Educação Secretaria. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Infantil. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília,2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, **Alfabetização, Diversidade e Inclusão**. Diretrizes curriculares da educação básica. Brasília 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, **Diversidade e Inclusão. História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. --Brasília : MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

BRASIL.Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, **Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / vol 1 .Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / vol2 .Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / vol 3. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRANDÃO, Paula org: Azoilda da Trindade **MODOS DE BRINCAR : caderno de atividades, saberes e fazeres** . (A cor da cultura vol.5)- Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2010.

BREDA, Omri (ferradura), **CAPOEIRA COM CRIANÇAS DO RIO DE JANEIRO:a capoeira como pratica educativa** . Capoeira do Rio de Janeiro . **Rio de Janeiro 2010** . Disponível em: www.bricandeiradeangola.com.br. **acesso em 20 de julho de 2017.**

CONAI . Conferencia Nacional de Educação .**Construindo o sistema de educação: O plano Nacional de Educação, diretrizes e estratégias de ação.** 2010.

IVIC. Ivan. Org. Edgar pereira Coelho. **Lev Semeoviovich Vygotsky.** Ed. Massaragana, Mec./UNESCO Brasília 2010.

LOTITO, IZA . O HERÓI DE DAMIÃO em a Descoberta da Capoeira. Ed. Girafinha .São Paulo 2006.

FERREIRA, Bruna santos. **Conteúdos na Educação Infantil: Tensões Contemporâneas.** Dissertação de Mestrado . UFRGS, Porto Alegre- 2012.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. **Especulações das possíveis origens Indigenas da capoeira e sobre as contribuições desta matriz cultural no desenvolvimento jogoluta.** Rv. Bras. Educ, Esport, abril-junho.267. São Paulo,2015.

GUSMÃO, Edna. Góes Brennand, Silvio José Rossi (Organizadores). **Trilhas do Aprendente devol. 7** . Editora Universitária da UFPB, João pessoa. 2010.

NERY, Luciana Fernandes org: Lisboa, Magno da Nobrega. **Diálogos e experiências no município de Juazeirinho-PB. A capoeira enquanto pratica cultural na EMEF.**Ed .Copias e papeis . Queimadas .2017 p, 427 a 428.

NERY, Luciana Fernandes org: Lima, F. **Diálogos e experiências no município de Juazeirinho-PB. A contribuição da capoeira no ensino da cultura afro-brasileira no município de Juazeirinho** Ed .Copias e papeis . Queimadas .2017 p,242/270.

PLANO NACIONAL DE IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICORACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade SECAD/MEC Subsecretaria de Políticas de Ações Afirmativas SEPPPIR. Brasília ,2008, disponível em www.mec.gov.br acesso 21/junho/2017. 21h30min

SOUZA, Camila Anabela de Brito. **Concepção de infância em Philippe Ariès** . Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RIBEIRO, Juliana Neiva. **Currículo Multicultural na educação infantil: a prática da da capoeira**. Brasília 2012. Disponível em:
http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4916/1/2012_JulianaNeivaRibeiro.pdf.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. **Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação da consciência moral, na perspectiva da ética aristotélica das virtudes** . ed.Unisalle. Canoas 2011.
Disponível em:
https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2011/gvweschenfelder.pdf. acesso jul,2017. 99,p.

ZONZON, Cristiane Nicole. **Capoeira Angola: africana, baiana, internacional**. In: MOURA, M. *A larga barra da baía: essa província no contexto do mundo* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 130-165 SciELO Books <http://books.scielo.org>.

7-ANEXOS

PLANO DIÁRIO

ESCOLA: E.M.E.I e F.” Melquiades Fernandes Pimenta

DATA:

TURMA: Pré -I

EIXOS/CONTEÚDOS CONTEMPLADOS:

. Movimento –música – natureza e sociedade –linguagens

COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS:

Movimento: Equilíbrio corporal-expressividade –planejar ações-

Música: ouvir com atenção –desenvolver -memória musical – ritmo do samba

Linguagens – conhecer gênero textual contos e lendas

Natureza e sociedade – órgãos do corpo humano.

METODOLOGIA:

Roda de conversas: recuperar a fatos sobre a aula do dia anterior. Roda conversas apresentação de instrumentos (berimbau, pandeiro agogô) deixas r que manipulem. Tocar cada um para eles escutem contar lenda do berimbau

Conversar sobre as lendas. Sobre a história da capoeira e como a capoeira surgiu

-Brincar de escavo e feitor – duas crianças vigiam as outras – enquanto utras duas tentam salvar

Aprender a ginga ao som do biriba – e o samba de roda com a música sai patinho fora da lagoa da um remexo no corpo – e pega no nariz do outro e assim vai pegar em todos os órgão do corpo e dizendo suas utilidades

Desenho dos instrumentos da capoeira, pendurar as atividades no mural

Combinar com as crianças para trazer sucata para construção de instrumentos.

RECURSOS DIDÁTICOS:

Berimbau-pandeiro –agogô – cheque ré- ganzá –folhas de papel oficio pinturas, e lápis grafites

AValiação. Continua –Sobre atenção integração dos novos conhecimentos adquiridos individual e coletivamente durantes as atividades propostas

PLANO DIÁRIO

ESCOLA: E.M.E.I e F.” Melquiades Fernandes Pimenta

DATA:

TURMA: Pré -I

EIXOS/CONTEÚDOS CONTEMPLADOS:

. Movimento –música – natureza e sociedade –linguagens

COMPETÊNCIAS DESENVOLVIDAS:

Movimento: Equilíbrio corporal-expressividade –planejar ações-

Música: ouvir com atenção –desenvolver -memória musical – **ritmo do samba**

Linguagens – se reconhecer através da leitura, gostar de si mesmo.

Natureza e sociedade – características físicas

METODOLOGIA:

Roda de conversas: recuperar a fatos sobre a aula do dia anterior. Roda conversas

Passar um espelho no círculo e cada um vai dizendo suas características físicas

Apresentação do livro de literatura infantil o cabelo de lelé .

Conversa sobre a leitura se gostou o que mais gostou e por que ?

Cantar a música cabelo enrolado – fazer o desfile das crianças do cabelo enrolado ao som da música cabelo enrolado.

Aprender movimentos da capoeira –coco rinha -au estrelinha – meia lua – através de circuitos

Montar instrumentos – e aprender o ritmo 1-2-3 e tum e ta . preparar fitas coloridas durez para decoração dos instrumentos aproveitar matérias trazidos –enfatizar sobre a reciclagem – trazer de casa latas de leite –vazias –potes de iogurte vazios – tambores de Mantega –feijões – barbantes para prevenir se eles não trouxerem material de sucata

Colar lan preta no cabelo no cabelo de lelé na atividade impressa e colar no mural

RECURSOS DIDÁTICOS:

Berimbau-pandeiro –agogô – cheque ré- ganzá –folhas de papel officio, e cola – material de sucata –durex coloridos –lan preta –atividade impressa.

AValiação: Continua – atenção integração dos novos conhecimentos adquiridos individual e coletivamente durantes as atividades propostas